

AS MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NOS PROCESSOS DE RELAÇÕES SOCIAIS

Kelma de Freitas Felipe¹

RESUMO

A categoria trabalho representa uma relação entre homem e natureza que possibilita um salto das formas pré-humanas para a formação do ser social. Porém, na sociedade capitalista o trabalho foi direcionado para a exploração do homem, tornando-se uma atividade apenas de remuneração. No intuito de compreender as mudanças existentes no mundo do trabalho e suas relações com o desemprego estrutural esta pesquisa foi desenvolvida para averiguar como a situação de desemprego vem sendo enfrentada por aqueles que se encontram fora do mercado de trabalho. Como resultado desta percebeu-se que a condição de desemprego ocasiona diversificados problemas na construção dos papéis sociais.

Palavras-Chave: Trabalho, Desemprego e Relações Sociais.

ABSTRACT

The category work represents a relation between man and nature that allows a jump on the pre-human forms in the formation of the social being. However, in the capitalist society the work became a form of men exploration, being an activity only for remuneration. To understand the existing changes in the world of the work and its relations with the structural unemployment this research was developed to inquire how unemployment situation is being faced by those outside of the work. At the end was observed that the unemployment condition causes diversified problems in the construction of the social papers.

Keyword: Work, Unemployment and Social Relations.

1 INTRODUÇÃO

O ato de trabalhar caracteriza-se, em sua essência, por uma ação teleológica na qual promove mudanças constantes em si mesmo, nos outros que estão ao seu redor e na natureza. Transformar uma simples madeira em um objeto útil, como uma cadeira, por exemplo, exige uma prévia idealização que somente o homem por ser capaz de agir e realizar ações conscientes pode fazer.

No intuito de compreender o conceito da categoria trabalho utilizou-se a definição de Antunes que diz:

O trabalho constitui-se como categoria intermediária que possibilita o salto ontológico das formas pré-humanas para o ser social. Ele está no centro do processo de humanização do homem. (Antunes, 2002:136)

¹ Graduada em Serviço Social. Mestranda Acadêmica de Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Administração e Planejamento de Projetos Sociais.

Porém, compreendendo as mudanças presentes no mundo do trabalho, acompanhado de sua terceirização e elevado índice de desemprego procurou-se verificar o valor que os trabalhadores em condição de desemprego atribuem à categoria trabalho? E, como estes trabalhadores vêm conseguindo driblar os processos de exclusão, visto que a sociedade moderna define o trabalho como um requisito de julgamento do status e da utilidade social.

O campo de pesquisa escolhido para a realização da pesquisa foi o Instituto de Desenvolvimento do Trabalho – IDT, mas especificadamente uma de suas unidades de atendimento localizada no Bairro da Parangaba, no município de Fortaleza - CE.

O Instituto de Desenvolvimento do Trabalho é um espaço de grande concentração de pessoas que estão à procura de emprego/ trabalho. É uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, que tem como função executar políticas públicas nas áreas do trabalho e ação social. Desta forma, seu público alvo são pessoas desempregadas que buscam sua inserção ou reinserção no mercado de trabalho.

2 MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO: do taylorismo ao toyotismo

Durante o século XVIII, o sistema capitalista passou por grandes transformações em seu modelo de produção devido ao surgimento da máquina advindo da Revolução Industrial. Na maquinofatura, a ferramenta utilizada no trabalho é fixada numa máquina e em vez do trabalhador produzir ele passa apenas a regular, carregar, acionar e desligar a máquina. O modelo de produção taylorista surgiu exatamente nesta fase de maturidade do regime capitalista.

O taylorismo é uma estratégia de organização do processo de trabalho que tem como ênfase o controle e a disciplina fabril no intuito de eliminar a autonomia dos produtores diretos e o tempo ocioso, como forma de assegurar o aumento da produtividade.

Neste período em que o taylorismo se tornava o modelo de produção mais sugestivo para o sistema capitalista tem-se também o desenvolvimento do fordismo. Este apresenta traços particulares no processo de produção, mas pode ser encontrado junto ao taylorismo numa mesma empresa.

Diante da fragmentação entre trabalhador e produto, realização de atividades repetitivas e desprovidas de sentido, no final dos anos 60, os operários iniciam revoltas contra os métodos de produção. Mesmo não conseguido superar o modelo de organização capitalista, a capacidade de organização dos trabalhadores perturbou o funcionamento do capitalismo, constituindo-se num dos elementos causais para a crise dos anos 70.

Após a crise dos anos 70 ocorreram diversas mudanças no sistema político e econômico dos países implantando-se o neoliberalismo, a privatização do Estado e um intenso processo de reestruturação produtiva.

Na reestruturação produtiva o cronômetro e a produção em série e de massa foram substituída pela acumulação flexível. Nesta surge um novo setor de produção, novos mercados e novas maneiras de fornecimento de serviços criando-se vários empregos no chamado setor de serviços.

O gerenciamento e a contratação da força de trabalho ganham novas formas e o trabalhador para ser contratado deve ser possuidor de características como polivalência, alta qualificação, alto grau de responsabilidade e autonomia.

No capitalismo contemporâneo o modelo toyotista criou de um lado, em escala minoritária, o trabalhador polivalente e multifuncional da era informacional, capaz de operar com máquinas e controles numéricos e exercitar com mais intensidade sua dimensão intelectual. Enquanto que do outro lado, há uma massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação, que hoje presencia as formas de emprego temporário, parcial ou então vivem o desemprego estrutural. (Antunes, 2002)

3 A SOCIEDADE DO DESEMPREGO

O termo desemprego surgiu no século XIX, época em que a ociosidade era tida como perigosa e o sistema capitalista toma conta do modelo de produção. A origem deste termo deriva do latim *caumare*, que em português significa calma, definindo que estar desempregado seria estar fora da agitação ou esforço atribuído à atividade laborativa.

Durante o século XVIII, início da Revolução Industrial, o surgimento da máquina a vapor, o aparecimento da siderúrgica e da indústria química foram motivadores da repercussão do desemprego.

No sistema capitalista a noção do termo desemprego compreende a negação de uma remuneração que garante a reprodução do trabalhador e de sua família. Assim, o trabalho passa a ser representado pelo emprego e a condição salarial torna-se uma situação almejada por conta de garantias de direitos ao trabalhador assalariado. Segundo Castel (1998) numa sociedade salarial a maioria dos sujeitos sociais tem a sua inserção relacionada ao lugar que ocupa no salariado.

Com o atual modelo de produção o desemprego estrutural massivo, a insegurança do trabalho e a perda dos padrões de proteção na sociedade salarial mostraram uma questão social presente através de novos excluídos no mundo, uma nova pobreza, dos desfilizados, que foram representados por aqueles que até pouco tinham

condições de se manter economicamente, porém agora estão a margem do mercado por serem afetados com as transformações ocorridas no mundo do trabalho.

Durante a recessão do governo Collor (1990-1992), o Brasil perdeu 2.2 milhões de empregos com carteira assinada, ocasionando um desmonte do setor público (seja pela contenção das políticas públicas, seja pela privatização) e um contingente de mão-de-obra em disponibilidade. Neste período de cada dez vagas criadas, oito eram não-assalariados, criando-se um exercito ativo de trabalhadores com ocupação precária e irregular.

Somente a partir do ano de 2004 é que o Brasil passa por um período animador em relação a questões referentes ao trabalho e desemprego. De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados- CAGED até março de 2004, o Brasil possuía em média 185 mil pessoas desempregadas e já em setembro este índice caiu para 165 mil pessoas. Porém, um dos pontos negativos da pesquisa é que está é restrita ao mercado formal, não incluindo os trabalhadores que atuam na informalidade.

4 TRILHAS METODOLOGICAS

A pesquisa teve como base o método qualitativo e analítico. Qualitativo por “considerar o sujeito de estudo como gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo ou classe com suas crenças, valores e significados”. (Minayo,1999). E, analítico por examinar os componentes de um todo para conhecer as causas e natureza de um problema.

O método utilizado teve como pano de fundo a história de vida dos sujeitos pesquisados, visto que se pretendia conhecer as trajetórias de vida dos trabalhadores em condição de desemprego com suas possíveis implicações no significado atribuído ao trabalho e as repercussões nas relações sociais.

A pesquisa foi dividida em duas fases: a primeira voltou-se para dados mais quantitativos com a utilização de questionários, e na segunda houve um maior aprofundamento das respostas cedidas nos questionários através da técnica de história de vida.

O questionário foi aplicado com àqueles que freqüentavam o IDT de Parangaba durante o mês de Julho de 2004, sendo estes escolhidos aleatoriamente. Dentre os critérios utilizados para a escolha das cinco (05) pessoas que iriam participara da segunda fase da pesquisa, considerou-se as seguintes características: ser trabalhador em condição de desemprego cessante, estar a mais de um ano desempregado, ser do sexo masculino, ser casado ou estar sobre regime de concubinato e ter filhos.

Cada entrevistado teve 3 a 4 visitas para coleta de dados referentes às experiências de trabalho, o significado destas experiências nas relações sociais, a idade em que começou a trabalhar, a fase de desemprego e suas conseqüências, o relacionamento com a família e com os amigos a partir do momento em que ficou desempregado e o significado do trabalho para ele hoje.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante a aplicação dos questionários para a coleta de dados mais quantitativos foi possível verificar que dentre as 280 pessoas participantes, 74 % eram do sexo masculino e 26 % do sexo feminino, podendo assim observar um elevado índice de homens nas filas do IDT em busca de emprego.

Para os sujeitos pesquisados, a procura constante por um trabalho é devido à necessidade de buscar melhoria em sua vida, ajudar a família, se sentir útil, elevar sua auto-estima e contribuir no orçamento familiar.

Na pesquisa observou-se que 77 % das pessoas que procuram o IDT durante o período de aplicação dos questionários possuíam idades entre 21 a 40 anos. Nos depoimentos dos sujeitos pesquisados, durante a realização da técnica de historia de vida, as dificuldades de conseguir um emprego por causa da idade foi um dos fatores mais presentes nas falas. Segundo um dos entrevistados:

estar acima de 25 anos já compromete a ocupação de uma vaga em uma seleção pra emprego. Eu tenho 37 anos, sou pai de família e tenho 2 filhos para dar sustento, mas não consigo arrumar emprego e sei que minha idade é um dos maiores motivos"(Entrevistado A).

Para o homem o trabalho lhe atribui uma finalidade, um papel a ser desempenhado, de modo que ele se sinta bem em relação à contribuição que pode oferecer ao contexto social em que vive.

Dos sentimentos atribuídos a situação de desemprego a inutilidade foi um dos mais citados, visto considerar o dinheiro o instrumento mediador das relações. Veja abaixo o que falam os entrevistados:

o desemprego tira a paciência e o controle de qualquer pessoa. Estar desempregado é como se a gente se tornasse algo invisível para o mundo, principalmente quando você não tem como garantir sua sobrevivência e precisa trabalhar de alguma forma pra conseguir dinheiro, mas o trabalho não aparece porque os outros não lhe consideram mais como alguém que tem um potencial. (Entrevistado B)

Dos sujeitos pesquisados através da técnica de questionários foi verificado que 92% já tinham trabalhado anteriormente, enquanto que apenas 8% nunca conseguiram se inserir no mercado de trabalho. Segundo os sujeitos pesquisados, o desemprego ocasiona diversas mudanças no relacionamento com familiares e amigos, pois a ausência do instrumento mediador de relações, o dinheiro, dificulta os processos de relações sociais.

Na pesquisa de campo verificou-se que as principais estratégias de sobrevivência ao desemprego foram auxílio familiar, com 35 %, e bicos, com 33 %. Dentre as demais formas de sobrevivência utilizadas por eles estão: seguro-desemprego, pensão, aposentadoria, mercado informal e auxílio de vizinhos.

Durante os depoimentos foi possível presenciar diversos discursos que colocavam os “bicos” como principais fontes de recursos financeiros. Veja abaixo:

O mercado de trabalho hoje está muito difícil. Desde que eu fiquei desempregado eu só consegui alguns empregos temporários. As empresas não querem mais passar muito tempo com o empregado porque senão terão que legalizar o serviço. De um ano para cá eu já passei por várias empresas que me contrataram para fazer uns serviços e depois me descartaram como se fosse um objeto. (Entrevistado C)

De acordo com Castel (1998) a precarização do trabalho torna-se uma problemática mais importante que o desemprego, pois permite compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produz o desemprego. A inserção de trabalhadores em trabalhos precários mascara uma realidade de exclusão do mercado, visto que possibilita uma idéia de pertencimento ao mundo do trabalho mesmo que seja de forma insatisfatória.

6 CONCLUSÃO

De acordo com as informações obtidas pelos sujeitos pesquisados o desemprego interfere diretamente na formação de seus laços sociais, visto que o ato de trabalhar possibilita um crescimento e um desenvolvimento humano que faz o homem se inserir na sociedade e se sentir útil.

Considerando a relevância que o trabalho ocupa na formação e desenvolvimento do homem como ser social capaz de transformar simultaneamente a si mesmo e a natureza, torna-se necessário pensar e repensar questões referentes à inserção no mercado de trabalho e a situação de desemprego.

Já dizia Teixeira(1996) que apesar das transformações ocorridas, o trabalho em seu caráter universal é a unidade constitutiva dos momentos da vida humana, é a necessidade natural do homem transformar a natureza para satisfazer suas necessidades,

não se limitando a emprego, nem mesmo a mercadoria, valores que são criados historicamente com o desenvolvimento dos modelos de produção.

Na fala dos trabalhadores em condição de desemprego pesquisados foi possível averiguar que falar de trabalho na atual sociedade representa alegrias e angustias, visto que o homem com seu trabalho é ao mesmo tempo possuidor de dignidade, podendo sobreviver e conquistar espaços na sociedade, e escravo do sistema de produção, tendo que se submeter as formas e condições oferecidas ao trabalhador.

Resolver o problema do desemprego não é fácil, visto o grande índice de pessoas hoje fora do mercado. Porém, torna-se de fundamental importância o envolvimento de pesquisadores, estudiosos, sociedade civil e autoridades para a busca de Políticas Públicas, que venham atender a demanda de trabalhadores em condição de desemprego, de forma que esta não seja simplesmente transferida para uma forma de trabalho precário, mas sim que a categoria trabalho seja redescoberta e vivenciada em sua essência pela classe-que-vive do trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBORNOS, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e Capital Monopolista**: A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social**: Uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

CODO, W; SAMPAIO, J.J.C & HITOMI, A.H. **Indivíduo, Trabalho e Sofrimento**. Petrópolis : Vozes, 1994.

DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social**: Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 3ª edição – São Paulo, Cortez, 1999.

IDT. **Pesquisa Desemprego e Subemprego**. Indicadores e Mercado de Trabalho. Agosto de 2004.

MINAYO, M. C. **O Desafio do Conhecimento** – Pesquisa Qualitativa em Saúde. 5ª edição. São Paulo – Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1999.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rosco, 1993.

SANTOS, João Bosco Feitosa de. **O avesso da maldição do Gênesis**: a saga de quem não tem emprego. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

SINGER, Paul. **Globalização e Desemprego** – diagnostico e alternativas. Editora Contexto, 1998.

TEIXEIRA, Francisco José S e OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (org.). **Neoliberalismo e Restruturação Produtiva**. As novas determinações do mundo de trabalho. São Paulo: Cortez, Fortaleza: UECE, 1996.